

dio Braga Ribeiro Ferreira, secretário da Agricultura de SP no início dos anos 80.

Do passado recente, três temas-chave encontram respaldo em conquistas da entidade. Durante a Assembléia Constituinte, em 1988, a posição em defesa do Direito à Propriedade Produtiva. Na década de 90, em prol de campanhas de combate à febre aftosa e melhorias na defesa sanitária como condição para atuarmos com resultados positivos nos mercados internacionais. E os conteúdos contra os subsídios dos EUA ao algodão e europeu ao açúcar nasceram na **SRB**. O embrião das queixas contra o protecionismo agrícola foi gerado em discussões na entidade.

Com base nas declarações de seus seis últimos presidentes, o leitor pode ter a percepção acerca da importância da **SRB** que, pela dignidade de sua história, viverá mais 88 anos de amor pela agricultura brasileira.

João Sampaio: "Sempre atuou com a certeza que as questões são técnicas, as razões são éticas e as decisões são políticas."

Luiz Hafers: "Tem convicções e jamais defendeu conveniências. Atuante, tem extraordinário respeito e nunca ficou em cima do muro."

Pedro de Camargo: "Pioneira em ações de direitos compensatórios contra importação de produtos agropecuários da Europa e EUA."

Roberto Rodrigues: "Grande representante intelectual da classe rural. Pontua seu trabalho em favor das principais colunas da democracia."

Flávio Menezes: "Nata dos tomadores de decisão. Exerce o papel de fomentadora de idéias e ações para o progresso do País."

Renato Ticoulat: "Nasceu como organização do agronegócio, muito antes do termo ser cunhado. Tem histórica ação moderna desde seu início". ■

Opinião

Illinois perto de Itapeva



João Sampaio*

SOMENTE A globalização pode responder sobre a relação entre o produtor de milho do estado de Illinois, nos Estados Unidos, com anterior predomínio da soja, substituído agora pelo milho, com Itapeva, município produtor de grão no sudoeste do estado de São Paulo.

A globalização explica há tempos como as conjunturas econômicas em determinadas regiões interferem diretamente no cotidiano das pequenas cidades brasileiras. Em 1997 predominava a máxima: "quando um tigre asiático (país em franco desenvolvimento no período) espirra, o mundo sofre de pneumonia".

A febre do etanol vivida pelo interior de São Paulo e dos Estados Unidos é o exemplo corrente. Os agricultores questionam o aumento nos preços dos fertilizantes quando o real está valorizado. A indústria tem a resposta na globalização. Em Illinois, a substituição em 30% das áreas de soja por milho, na busca do etanol, causou um crescimento na procura de adubos, pois este demanda utilização maior de nitrogênio e potássio, cujas reservas são limitadas.

Mas, o que tem isso a ver com a renda do produtor de grãos de Itapeva? Tudo. Nas últimas safras de grãos no Brasil, a queda nos preços das principais *commodities* exportáveis e os problemas de câmbio foram duas das causas da crise na agricultura. A globalização do conhecimento determinou desempenhos econômicos.

E a disseminação da gripe asiática no mundo reduziu o consumo de frango. O resultado foi um corte nas exportações nacionais, com sobreoferta e queda de preços no mercado interno. Os criadores amargaram enormes prejuízos. Já o aumento do preço do milho nos Estados Unidos por causa do etanol elevou os preços das *tortillas*, um produto de consumo popular e gerou protestos no México. Enfim, o poder das notícias ruins é muito maior que a nossa capacidade de obter, absorver e trabalhar as informações.

Para o agricultor moderno, duas ferramentas são de extrema importância: acesso à informação e sua gestão dentro da propriedade. Saber dos acontecimentos no mundo agrícola, em função do papel competitivo do Brasil no cenário internacional, é chave para a boa gestão da produção e de sua comercialização. Assistimos à revolução da pesquisa agropecuária brasileira a partir da década de 70, com a criação de tecnologia para agricultura tropical. Agora, estamos diante da instalação de uma nova matriz energética com a propagação do etanol pelo mundo. Logo teremos a fase do agricultor em sintonia com os eventos ao redor do globo.

Muitos podem dizer que isso está fora da órbita dos pequeno e médio agricultores. Não subestime a capacidade do produtor de grãos de entender o que acontece no mundo. Basta uma simples viagem ao sudoeste paulista, tradicional área produtora de feijão e milho, para constatar, principalmente dentre aqueles organizados em cooperativas, uma forma de olhar o mundo agrícola pela ótica e uso do GPS, da *internet* etc.

Nesse ponto não diferimos muito do produtor de milho de Illinois. Ficamos para trás nos instrumentos de proteção. Lá, há fatura de crédito, seguro e subsídios. Se o produtor brasileiro se superar na produtividade e competência dentro da porteira, com a utilização de novas ferramentas e a compreensão da importância da globalização do conhecimento, ficará inigualável no exercício da sua atividade. ■

* Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)